AGRO NEGÓCIO

Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro

Arroz busca novos mercados para elevar produção

Farsul articula pesquisa, produtores e indústria para diversificar uso e aumentar a demanda pelo cereal

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A necessidade de ampliar o mercado consumidor para além da alimentação humana tradicional está mobilizando a cadeia produtiva do arroz. A busca é por alternativas que permitam retomar a expansão das lavouras e melhorar a rentabilidade dos agricultores. A iniciativa, coordenada pela Câmara Setorial Nacional do Arroz, reúne produtores, pesquisadores e representantes da indústria na elaboração de uma estratégia de diversificação dos usos do cereal, com horizonte até 2050. A expectativa é apresentar, em fevereiro de 2027, um plano com propostas e responsabilidades para os diferentes segmentos envolvidos.

O movimento parte da constatação de que os ganhos de produtividade registrados nas últimas décadas não foram acompanhados por uma expansão equivalente da demanda. Para o diretor vice-presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e integrante da Comissão de Arroz da entidade, Fernando Rechsteiner, o mercado tradicional tornou-se insuficiente para absorver o potencial produtivo da atividade. "Hoje, a gôndola do supermercado se transformou num gargalo para a produção de arroz", afirma.

Segundo o dirigente, a limitação do mercado tem levado o setor a recomendar contenção ou redução das áreas cultivadas, apesar dos avanços tecnológicos e da eficiência alcançada pelos produtores. Ele lembra que o Rio Grande do Sul já chegou a cultivar aproximadamente 1,15 milhão de hectares de arroz, enquanto a área estimada para a safra 2026/2027 é de cerca de 850 mil hectares. A diferença representa 300 mil hectares, ou 26% da extensão anteriormente ocupada pela cultura.

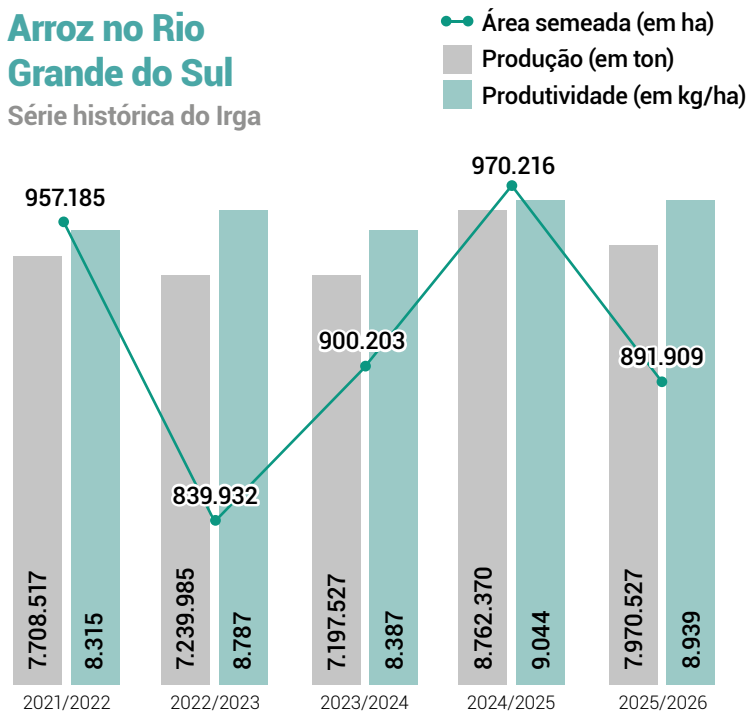
Rechsteiner atribui parte desse recuo à dificuldade de encontrar compradores em condições que assegurem remuneração adequada. Para ele, a resposta não pode se limitar à diminuição da oferta. "O grande desafio das nossas culturas, e no arroz não é diferente, é transformar aumento de produtividade e de produção em aumento de renda", sustenta. Isso exige, acrescenta, que a demanda cresça paralelamente à capacidade produtiva.

Entre as possibilidades em discussão estão a utilização do arroz na produção de etanol, a ampliação de sua participação na alimentação animal e o aproveitamento industrial de resíduos, como a casca. A fabricação de etanol também permite obter DDG, coproduto empregado na formulação de rações, especialmente para suínos. Essas alternativas são vistas como caminhos para diversificar as fontes de receita da cadeia, embora ainda dependam de estudos e da avaliação de sua viabilidade econômica e industrial.

O dirigente ressalta que a busca por novos destinos não significa substituir o abastecimento alimentar. O arroz continuará sendo um produto básico da dieta brasileira, mas, na avaliação dele, o consumo convencional não oferece, isoladamente, espaço suficiente para sustentar uma nova etapa de crescimento. A diversificação permitiria ampliar a demanda sem estabelecer uma competição necessária entre alimentação humana e outras aplicações do cereal.

As discussões ganharam forma durante um workshop realizado no início deste mês, na sede da Farsul, em Porto Alegre. O encontro reuniu representantes da Embrapa, do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), da Federarroz, de instituições de pesquisa e de entidades da indústria de beneficiamento. A proposta foi identificar transformações capazes de alterar o mercado nas próximas décadas e estabelecer quais iniciativas precisam começar a ser desenvolvidas desde agora.

Conduzido pelo professor brasileiro Felipe Koch, da Université Paris-Est Créteil, na França, o trabalho utilizou uma metodologia de construção de cenários futuros. Os participantes identificaram mais de 200 sinais de transformação, envolvendo novas tecnologias, processos industriais e possibilidades de utilização do arroz. A partir desse levantamento, foram elaborados cenários para 2050, que servirão de referência para a definição de ações no presente.



Plano de ação deve ficar pronto até fevereiro

O processo, entretanto, não terminou com o workshop. Segundo Fernando Rechsteiner, a expectativa é concluir até a abertura da colheita do arroz, em fevereiro, um relatório que estabeleça prioridades e atribuições para instituições de pesquisa, entidades dos produtores e indústria. O planejamento deverá ser revisado periodicamente, acompanhando as mudanças tecnológicas e de mercado.

Para o dirigente, o primeiro resultado concreto já foi alcançado com a aproximação entre os diferentes segmentos da cadeia. "Juntamos efetivamente as entidades representativas todas da pesquisa, da produção do setor industrial e estamos trabalhando em conjunto esse setor a partir de agora", afirma. A intenção é transformar essa articulação em iniciativas capazes de abrir novos mercados e criar condições para que o aumento da produção volte a representar também crescimento da renda dos agricultores.

Índices da Pecuária

FONTE: MEPRO/UFRGS

Nesta semana, os preços do gado gordo apresentaram reações positivas em todas as modalidades coletadas, alcançando, até o momento, os maiores valores registrados em 2026. Esse movimento de valorização é observado nas principais praças pecuárias do Brasil, sendo ainda mais acentuado no Rio Grande do Sul, em função da menor disponibilidade de animais prontos para o abate. Para as próximas semanas, a expectativa é de manutenção dos bons patamares de preços, com possibilidade de novos reajustes positivos, caso a oferta de animais terminados permaneça restrita.
Durante a semana, o mercado do gado de reposição apresentou valorização em praticamente todas as categorias analisadas. Esse movimento está associado à menor disponibilidade de animais para comercialização, fator que tem contribuído para a sustentação dos preços, inclusive nos lotes de maior peso. O novilho possui destaque nesse cenário, em função da maior procura por parte dos recriadores, estimulada pela valorização do boi gordo, que se mantem em alta e favorece a demanda por animais de reposição.

GADO GORDO

11/11/2026	PV MACHO	PC MACHO	PV FÊMEA	PC FÊMEA
MÁXIMO	R$ 14,00	R$ 26,50	R$ 11,80	R$ 23,50
MÉDIO	R$ 13,50	R$ 25,75	R$ 11,40	R$ 22,75
MÍNIMO	R$ 13,00	R$ 25,00	R$ 11,00	R$ 22,00

ANÁLISE DO DIA 4 DE NOVEMBRO DE 2026

• Apuração válida para o período de 11/11 a 18/11

Boi gordo a peso vivo	+ 3,8%
Boi gordo a peso de carcaça	+ 2,0%
Vaca gorda a peso vivo	+ 3,6%
Boi gordo a rendimento de carcaça	+ 1,5%
Terneira	+6,1%
Terneiro	+2,9%
Novilha	+4,2%
Novilho	+13,5%
Vaca invernar	+0,6%

GADO DE REPOSIÇÃO

PV = peso vivo | PC = peso carcaça | •Valores à vista, em R$/kg. | •No caso de obtenção de somente um valor, usou-se o fator e 2,05 na conversão de peso vivo para peso de carcaça correspondente. | • Variações correspondentes sempre à semana anterior | ■ Estável ● Subiu ● Desceu

11/11/2026	TERNEIRA	NOVILHA			TERNEIRO	NOVILHO		VACA			
	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	Invernar	Falhada	Com cria
MÁXIMO	R$ 16,42	R$ 13,40	-	R$ 14,71	R$ 15,83	R$ 15,42	-	R$ 13,43	R$ 10,88	-	R$ 14,15
MÉDIO	R$ 15,70	R$ 13,38	-	R$ 13,03	R$ 15,58	R$ 14,28	-	R$ 11,86	R$ 10,85	-	R$ 13,13
MÍNIMO	R$ 14,98	R$ 13,37	-	R$ 11,34	R$ 15,32	R$ 13,14	-	R$ 10,28	R$ 10,80	-	R$ 12,10

OVINOS

9/11/2026	UNIDADE	CORDEIRO	BORREGO	OVELHA DE DESCARTE
MÍNIMO	R$/PV	R$ 15,20	R$ 17,24	R$ 11,71
MÉDIO	R$/PV	R$ 15,84	R$ 17,57	R$ 12,30
MÁXIMO	R$/PV	R$ 16,57	R$ 17,98	R$ 12,88

CORTES OVINOS

9/11/2026	UNIDADE	CARRÉ	PALETA	LOMBO	PERNIL	COSTELA	PESCOÇO	STINCO
MÍNIMO	R$/Kg	R$ 144,90	R$ 69,90	R$ 91,90	R$ 59,90	R$ 42,90	R$ 29,90	R$ 63,80
MÉDIO	R$/Kg	R$ 176,51	R$ 89,79	R$ 97,90	R$ 79,76	R$ 53,86	R$ 32,40	R$ 66,50
MÁXIMO	R$/Kg	R$ 179,90	R$ 109,80	R$ 99,89	R$ 89,90	R$ 69,90	R$ 34,90	R$ 69,00